
Reinventar futuros: a cidade hostil e um novo *flâneur* na narrativa portuguesa hipercontemporânea

Reinventing futures: the hostile city and a new flâneur in the portuguese hypercontemporary narrative

Paulo Ricardo Kralik Angelini

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n55a1417>

RESUMO

O romance português hipercontemporâneo apresenta, seja formalmente, seja tematicamente, uma série de elementos desafiadores à crítica, que precisa readequar suas ferramentas teóricas de análise. Essas novas obras exigem, como afirmam Alan Shapiro e Ana Paula Arnaut, novos olhares e novas perspectivas de abordagem. Este estudo pretende debater, portanto, um dos tantos eixos que irradiam desse conjunto complexo de textos: a percepção da cidade, do centro urbano, como espaço de esgotamento e de opressão. Essa temática, sabe-se, não é propriamente nova na literatura, mas é evidente a reincidência e a potencialização desse tópico nos textos publicados muito recentemente, em sintonia com a própria percepção da nossa realidade global. Neste sentido, serão resgatados exemplos de obras que se ocupam dessa recorrência e trazem tanto personagens à deriva nas grandes cidades, esmagados pela tecnologia, pela produtividade no trabalho, como o próprio espaço urbano enquanto ambiente nocivo ao humano, em textos de autores como Joana Bértholo, Catarina Gomes, Manuel Bivar, Rui Couceiro, Ivone Mendes da Silva, entre outros. O que emerge nesses textos é uma redefinição da natureza como mecanismo de sobrevivência, acompanhando o advento de um novo tipo de *flâneur*.

Como apoio teórico, serão resgatados autores como Walter Benjamin, Marc Augé, Giles Lipovetsky, Ana Paula Arnaut, Byung-Chul Han, Robert Park, Zygmunt Bauman.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura portuguesa hipercontemporânea; Cidade; Natureza; *Flâneur*.

ABSTRACT

The hyper-contemporary Portuguese novel presents, both formally and thematically, a range of elements that pose significant challenges to literary criticism, which, in turn, must revise and adapt its theoretical frameworks of analysis. These newly produced works demand, as Alan Shapiro and Ana Paula Arnaut claim, renewed outlooks and fresh analytical perspectives. This study therefore aims to explore one of many axes radiating from this complex corpus of texts: the perception of the city, of the urban center, as a space of exhaustion and oppression. While this theme is by no means novel within the literary tradition, its recurrence and intensification in very recent publications is noteworthy, reflecting broader perceptions of contemporary global reality. In this context, the study will draw on examples of literary works that explore this recurring motif, portraying characters adrift in large urban spaces – overwhelmed by technology and the pressures of labor productivity – as well as depicting the urban environment itself as fundamentally detrimental to human well-being. Authors such as Joana Bértholo, Catarina Gomes, Manuel Bivar, Rui Couceiro, Ivone Mendes da Silva, among others, will be considered. What emerges in these texts is a redefinition of nature as survival mechanism, accompanying the advent of a new kind of *flâneur*. Theoretical grounding will be provided by thinkers such as Walter Benjamin, Marc Augé, Gilles Lipovetsky, Ana Paula Arnaut, Byung-Chul Han, Robert Park, and Zygmunt Bauman.

KEYWORDS: Hyper-contemporary Portuguese literature; City; Nature; *Flâneur*.

Ali, à porta do café, entre a indiferença e a pressa da Cidade, também eu senti, como ele no Campo, a vaga tristeza da minha fragilidade e da minha solidão (Queiroz, 2000, p. 223).

No século XIX, com a ebulição das grandes cidades, da máquina, do capitalismo, o espaço urbano era habitado por multidões que por ali deambulavam, hipnotizadas pelas luzes, pelas vitrines, pelos barulhos, pelas gentes. Contudo, esse mundo cintilante já começa a receber ferozes críticas. Walter Benjamin, influenciado pela Escola de Frankfurt e por um crítico da razão instrumental, do aumento da produtividade a total custo, da soberania do conhecimento científico, recupera o conceito do *flâneur* baudelairiano, esse observador sensível da modernidade, e o vê pelo avesso. Fruto da civilização, filho da cidade, o homem civilizado exibe-se com orgulho perante os outros. Benjamin (1989, p. 199) afirma que o *flâneur* “é, no reino dos consumidores, o emissário do capitalista”. Símbolo do consumo, o *flâneur* exibe-se na vitrine das ruas das grandes cidades. Benjamin problematiza essa figura como um personagem profundamente marcado pelas contradições do capitalismo e da modernidade.

Por ser criação do homem, a cidade possui um esqueleto inicial que obedece a uma organização lógica, uma racionalização a partir da planta da cidade, que determina limites e fronteiras, impõe uma certa ordenação dentro da área estabelecida. Como afirma Robert Park (1967, p. 25), “a cidade não é apenas um mecanismo físico e uma construção artificial, mas produto da natureza, e particularmente da natureza humana”.

Essa tentativa de racionalização do espaço é desconstruída pela própria ação do homem, já que mesmo dentro dessas limitações prescritas, a cidade ganha um caráter incontrolável, de acordo com Park. Ocorrem, então, os processos de segregação, já que o setor administrativo e os empreendimentos estipulam valores para o espaço,

e esse valor afasta os mais precarizados. Além disso, as afinidades ou as necessidades fazem com que pessoas com hábitos e interesses semelhantes avizinhem-se. Assim, a cidade assume uma organização *não organizada*, há um sem fim de variáveis que desordenam o espaço previamente determinado; aqueles em situação de rua, as comunidades precarizadas, são alguns desses exemplos.

É entre esse descontrole que os seres transitam por esses *não lugares*, na definição de Marc Augé (2010), em sua antropologia da supermodernidade, lugares de trânsito, de passagem, lugares *provisórios*, *efêmeros*, por onde circulam milhares de pessoas. São lugares que escapam de um sentido, e o ser humano necessita de um lugar *revestido de sentido*, com as três características comuns enumeradas por Augé (2010, p. 52, grifo nosso): “lugares que se pretendem *identitários, relacionais e históricos*”. Quando apenas um entre a multidão, muitas vezes a habitar uma cidade que não é a sua de nascimento, esses sujeitos tendem a perder sua estabilidade, seu sentido, sua relevância.

Ainda na metade do século XIX, Engels profetizava o que, em um quarto de século XXI transcorrido, torna-se óbvio: a cidade como reflexo de um sistema desagregador. Benjamin vale-se da perspectiva de Engels sobre a urbanidade caótica de Londres para consolidar a imagem do *flâneur* como crítica ao capitalismo, e afirma que os londrinos foram obrigados a sacrificar a melhor parcela da sua humanidade para “realizarem os prodígios da civilização”. Diz que o tumulto nas ruas das grandes cidades tem *algo de repugnante*, algo que contraria a natureza humana. Engels (1948 *apud* Benjamin, 1989, p. 200) vê um processo de desumanização recorrente no (não) convívio da cidade:

essas centenas de milhares, de todas as classes e situações, que se empurram umas às outras, não são todas seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões e com o mesmo interesse em se-

rem felizes? E no entanto passam correndo uns pelos outros, e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente; e, no entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer.

São palavras do século retrasado, mas que carregam um retrato quase constrangedor de nossos dias, em que a pressa baliza uma certa necessidade de produtividade, e há todo um aparato que nos envolve e muitas vezes nos aprisiona: as armadilhas de uma tecnologia aparentemente a nosso dispor, um certo discurso relativizador de um sistema que funciona a favor de uma lógica de desenvolvimento que esgota emocionalmente os sujeitos e agride os recursos ambientais. Conforme Noreena Hertz (2021), essa pressa é inclusive atestada em estatísticas: a velocidade hoje da marcha urbana é 10% mais alta do que em 1990. Em alguns países do Oriente, como China e Singapura, a aceleração da marcha aumentou em 30%, segundo Hertz. É o resultado de uma sociedade autocentrada, sempre devedora nos seus afazeres, de uma epidemia da solidão, porque “a maneira como vivemos hoje, a mudança na natureza do trabalho e na natureza das relações, a forma como nossas cidades são construídas” (Hertz, 2021, p. 22), tudo nos afasta dos outros.

Seria, portanto, a cidade incompatível com aquilo que há de humano em nós? Seria a cidade uma esmagadora dos sonhos mais íntimos de cada um? É possível imaginar futuros dentro do espaço urbano?

O século XXI, não há dúvida, intensificou a sensação de desconforto junto às grandes cidades. De acordo com a antropóloga Teresa Caldeira (2000, p. 301):

como poderia a experiência de andar nas ruas não ser transformada se o cenário é formado por altas grades, guardas armados, ruas fechadas e câmeras de vídeo no lugar de jardins, vizinhos conversando, e a possibilidade de espiar cenas familiares através das janelas? A ideia de sair para um passeio a pé, de passar naturalmente por estranhos, o ato de passear em meio a uma multidão de pessoas anônimas, que simboliza a experiência moderna da cidade, estão todos comprometidos numa cidade de muros.

Contraditoriamente, portanto, a cidade grande desestimula a presença na rua. Esta reflexão é fundamental: a percepção da configuração da cidade dentro dessa rotina caótica – mais automóveis, mais motocicletas, mais poluição, mais barulho, tudo para garantir mais e melhor desempenho, num encaminhamento para o real esgotamento do planeta.

Para além disso, o aquecimento global e a emergência climática. Em 2024, várias cidades do Rio Grande do Sul foram tomadas pelas águas. Algumas desapareceram dos mapas. Uma mistura de fatores, como a crise ambiental, frequentemente ainda desacreditada por muitos setores da sociedade; a ingerência dos governos estadual e municipais, que não legislam mais rigidamente a favor do meio ambiente e não propõem efetivamente uma agenda de enfrentamento às mudanças climáticas, e pior, muitas vezes optam por um discurso também negacionista; mais a péssima conservação de diques e demais mecanismos de defesa transformaram as chuvas torrenciais na maior catástrofe climática que o Rio Grande do Sul já viveu. Porto Alegre ficou literalmente debaixo d'água, e pelas ruas conhecidas por seu trânsito pesado só circulavam barcos, canoas e jet-skis. Mais de 150 mil pessoas foram atingidas pelas cheias. Para além disso, no total do Rio Grande do Sul, foram quase 200 mortos, arrastados, sufocados pelas águas.

São eventos climáticos que não podem ser normalizados e muitas páginas da literatura já apontam, há tempos, essas mudanças de paradigmas. Há um número expressivo de obras hipercontemporâneas que debatem a cidade como elemento central na desconstituição da nossa mais cara humanidade. Utilizo, portanto, o conceito *hipercontemporâneo* para marcar essa literatura que tem sido publicada muito recentemente. Nicholas Taylor-Collins (2021, p. 8, tradução nossa) acentua a velocidade com que as estantes das livrarias se enchem de novas publicações, fala sobre uma escrita nova, mediada por questões urgentes, “cujos méritos também conduzem a problemas para o crítico”, seja ele um teórico ou um leitor comum. O julgamento da qualidade desses textos é um ponto levantado por Taylor-Collins (2021, p. 15), reforçando o caráter instigante dessa empreitada, uma vez que quase não há fortuna crítica sobre as obras.

Falamos, portanto, dessa produção de agora, obras do século XXI, obras que foram lançadas no mês passado, na semana passada. Obras que estão sendo escritas neste momento. Portanto, apesar de existirem implicações cronológicas muito evidentes, como deixa claro Taylor-Collins – obras publicadas no século XXI –, o conceito não pode se resumir a “uma postulação simplesmente cronológica”, como afirma Carlos Reis (2018, p. 9). Ana Paula Arnaut e Paulo Medeiros (2024, p. 1, tradução nossa) salientam que o hipercontemporâneo é “uma condição cronológica apenas em um primeiro nível”. Para o professor Carlos Reis (2018, p. 9), aliás, ainda, é preciso “incutir densidade axiológica e histórico-cultural a um conceito que [...] solicita aprofundamentos”.

Alan Shapiro (2024, p. 103), a respeito do hipermodernismo, disse que é urgente “uma nova reflexão sobre a nossa situação contemporânea, uma nova perspectiva que inclua a consciência de que estamos vivendo algo como uma ‘pós-história’”. Para o pesquisador, “precisamos de novos conceitos para lidar com essas novas circuns-

tâncias” (Shapiro, 2024, p. 103, tradução nossa). No mesmo compasso, Ana Paula Arnaut (2018, p. 19) postula que essas novas obras exigem novos olhares dos leitores e da crítica, uma vez que manifestam: “um imperativo de inscrever novos temas e novos cenários que espelhem as inflexões comportamentais, (inter)individuais e (inter) sociais, decorrentes de um novo mundo”. Ou ainda, como já dizíamos em 2016:

fruto da globalização, das novas tecnologias, essa literatura que marca os nossos panoramas literários [...] é um reflexo de um mundo em profunda mutação, no qual as mentes e os corpos se expõem ao domínio da ciência e da tecnologia, integrando-as no seu foro interno (Binet; Angelini, 2016, p. 447).

Vinte anos atrás, Lipovetsky (2004, p. 51-52) já chamava a atenção para o desgaste de termos como pós-moderno, e percebia que essa etiqueta estava esgotada, envelhecida: “essa época terminou. Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto – o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa?” O híper, então, elabora-se num sentido de experiência potencializada, de acordo com Lipovetsky, uma experiência carregada com a hegemonia do pensamento do aqui e do agora de uma sociedade cada vez mais consumista e hedonista. Uma experiência em *espiral hiperbólica*, numa *escalada aos extremos* (Lipovetsky, 2004, p. 54).

Há, pois, uma série de recorrências nessas obras que acabam por consolidar tendências, que não invalidam outras possibilidades de leitura, mas com elas coexistem. Tematicamente, já observamos, em outra oportunidade, algumas dessas linhas, a partir de textos:

que alegorizam as crises econômicas, as crises ambientais, que carregam inscrições distópicas, que debatem o esgotamento do nosso planeta. Obras que problematizam os movimentos migra-

tórios, a crise dos refugiados, os processos de desterritorialização e de apagamento da identidade. Obras que tematizam a transformação e a precarização do trabalho e do trabalhador, em jornadas 24/7, em empregos informais, e discutem a maquinização do indivíduo, sua desumanização. Obras construídas em tempos em que a ciência é posta em xeque; a cultura, a arte, são atacadas; o jornalismo é relativizado em prol de narrativas fabricadas em redes sociais, as fake news. Obras que trazem sujeitos, portanto, quebrados, individualizados, incentivados a uma permanência isolada num mundo por sua vez cada vez mais conectado, contatos virtuais em meio às mais diversas tecnologias, redes sociais, inteligência artificial (Angelini; Canilha, 2024, p. 131, tradução nossa).

Para esse ensaio, efetuo um recorte muito particular, elaborado a partir de leituras que trazem justamente a percepção da cidade, do urbano, como espaço de completo esgotamento, como lugar caótico e desagregador. Para isso, objetiva-se pesquisar uma constelação de obras que comungam dessa perspectiva, numa abordagem por óbvio mais panorâmica, a fim de percebermos a semelhança entre esses textos.

Não que esse seja um tema exclusivamente do hipercontemporâneo. Aliás, se tomarmos como referência o próprio conceito de Contemporâneo, debatido por Agamben (2009), sabemos que só pertence verdadeiramente ao seu tempo aquele que não coincide de todo com ele. Ou melhor dizendo, aquele que consegue se deslocar no próprio eixo temporal, relacionar o seu tempo com tempos outros; o olhar para o *agora* carrega também a necessidade de mirar o passado e o futuro. Portanto, como é bastante óbvio na literatura, nenhuma obra se escreve sem um horizonte de outras obras, palimpsesto que é, conforme proposto por Genette (2006, p. 45), um texto que se sobrepõe “a outro que ele não dissimula completamente, mas dei-

xa ver por transparência”. Logo, essa temática de escrever sobre o esmagamento do indivíduo frente à civilização é tema que sempre rendeu boa literatura, e de saída não há como não pensarmos em *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz. Contudo, é inevitável que hoje habitamos cidades diferentes das de 30, 40, 80, 120 anos atrás. A especulação imobiliária, a violência, a tecnologia, a crise climática são fatores que potencializaram o caótico na convivência humana dentro dos centros urbanos.

Há uma passagem interessante na obra *A história de Roma*, de Joana Bértholo, quando a personagem-narradora, mulher chegada aos trinta, começa a ser sistematicamente cobrada por não ter filhos. Num desses momentos, faz toda uma reflexão sobre o futuro enquanto é indagada, numa festa de aniversário, por uma desconhecida com uma filha pequena. Na perspectiva da personagem, não ter filhos é uma contribuição para a redução da emissão de carbono, já que:

há previsões que sugerem que quando a sua petiza rechonchuda de louros cachos tiver apenas dez anos, um quarto dos insetos pode ter morrido; que na década seguinte a mesma quantidade de plantas e animais vertebrados estarão em risco de extinção. Que a sua juventude e entrada para a idade adulta serão passadas a assistir ou mesma a resistir a fenómenos climáticos extremos (secas, inundações, furacões e tempestades; pandemias causadas pela perturbação dos habitats) e ao movimento migratório de refugiados do clima. Mais tarde, quando até esta menina ultrapassar a idade fértil, se a ciência não a prolongar, metade das espécies estarão extintas e grandes porções de todos os continentes poderão estar inabitáveis (Bértholo, 2024, p. 163-164).

O tom pessimista da personagem não esconde uma preocupação legítima, porque a divagação carrega dados científicos irrefutáveis, de uma ciência, aliás, muitas vezes ignorada.

Joana Bértholo, aliás, é um desses nomes que tem trazido de forma recorrente o debate do esgotamento da cidade para as páginas, e é com ela que inicio essa análise, com a obra *Natureza urbana*, uma novela curta, que traz uma mulher que perdeu a mãe e o emprego. Mas perdeu uma mãe que nunca soube ser mãe, e que sempre lhe disse o quanto era estúpida. E perdeu um emprego banal num salão de beleza, no qual trabalhava lavando cabelos: “a minha mãe dizia que era sorte uma burra como eu ter encontrado um emprego daqueles” (Bértholo, 2023, p. 8). Quando perde a mãe e o emprego, a personagem ganha tempo, “tanto tempo que não sabia onde o pôr” (Bértholo, 2023, p. 5).

Essa personagem acostumada a acarinhar *uma tristeza que ronrona* descobre-se, portanto, sozinha e vazia, recorrência aliás que confirma um processo potencializado de desumanização do século XXI, que pode ser encontrado – apenas para citar poucos, mas marcantes exemplos – em *O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe; em *Eliete*, de Dulce Maria Cardoso; ou ainda em *Maria dos Canos Serrados*, de Ricardo Adolfo, protagonistas que comungam dessa sensação solitária num mundo que já não faz muito sentido.

A charca, obra publicada em 2021 em Portugal e ainda inédita no Brasil, é um texto com pouca fortuna crítica. Considerado por António Guerreiro (2021) um dos mais importantes textos ficcionais lançados nos últimos anos em Portugal, também recebe elogios do pesquisador Amândio Reis (2022), da Universidade de Lisboa, que chama a obra de uma eco-ficção e afirma que ela “aparece como um objecto não identificado nos céus da ficção portuguesa contemporânea”. Trata-se de uma narrativa que se passa num tempo que tanto nos remete à época da pandemia do Coronavírus quanto a um hiper-futuro, futuro distópico, não determinado. Como sugerem Ana Paula Arnaut e Ana Maria Binet (2018, p. 11), há uma forte recorrência na produção literária atual dos problemas relativos ao meio ambiente

que revelam: “um enraizamento num real que se pode transformar, e não somente na literatura, num cenário de autêntico pesadelo”. É exatamente essa fronteira entre um real e uma distopia que o leitor experiencia em *A charca*.

Manuel Bivar utiliza-se de um repertório refinadíssimo dentro do universo e do léxico da botânica, para contar a história de um homem que se isola do mundo, no mato, nas pedras, como diz a personagem. A Literatura Portuguesa, bem sabemos, é prodigiosa em exemplos de obras literárias que trazem uma imagem quase idílica do mundo rural português. Saraiva (1994) chama de *aldeianismo*, e Miguel Real (2012, p. 69) destaca autores que trabalham com uma *visão transcendente* na qual surge uma *concepção telúrica do mundo*, uma *comunhão sagrada entre o homem e a natureza*. Aqui, em *A charca*, não há idílio nem transcendência aparente. Não há equilíbrio possível; aqui o mato vence o homem. Ainda que o mundo diegético pareça pós-apocalíptico, em ruínas, ele recupera a essência inabitada dos bosques, o funcionamento quase primordial de uma natureza em seu estado puro, hostil, inexplorado. É uma natureza, portanto, como traz o texto: *sem propósito*. Esse homem não experiencia junto ao mato nenhuma elevação de espírito, nenhuma transcendência, nenhuma epifania. Ele apenas tenta sobreviver.

O conceito de *mundo natural* que a obra visita vem ao encontro daquilo que Greg Garrard (2006, p. 88), uma das referências dos estudos da ecocrítica, resgata: *wilderness*, no original, esse território selvagem, intocado, “uma natureza em estado não contaminado pela civilização, [...] um lugar de revigoramento dos que estão cansados da poluição moral e material da cidade”. Conforme Garrard, esse mundo natural é um conceito caro à ecocrítica e possui um valor quase *sacramental*, uma vez que ativa a perspectiva de “uma relação autêntica e renovada da humanidade com a terra”, um espaço de *reverência e humildade*. O pesquisador também recupera o tema do

Apocalipse, uma obsessão tanto dos estudos literários quanto no discurso ecológico ambientalista e mais radical. Segundo Garrard, uma parcela significativa das pessoas acredita, há cerca de 3000 anos, que o fim do mundo está próximo e, por isso, o apocalipse configura-se como uma poderosa alegoria para a imaginação ambiental.

É este o sentido atualizado pelo nosso Jacinto do século XXI. Ele habita um mundo vazio de significado, “onde todos tinham sido reduzidos ao papel de passar os dias em frente da televisão a ver programas de manhã ou agarrados a telemóveis” (Bivar, 2023, p. 55)¹, e para o meio das pedras ele carrega sua história, uma história de humilhações constantes desde a infância, por ser gordo, avisa-nos; por ser bicha, reforça o narrador. Na escola, “no pátio, a prisão, a injúria, a humilhação. As tetas caídas beliscadas e repuxadas, gordo, badocha, a bicha obesa que não sabia que o era” (Bivar, 2023, p. 19). Um indivíduo, portanto, esmagado por uma sociedade castradora. O mundo como conhecera já havia acabado. O sujeito da cidade “não via nada, nem presente nem futuro, porque estava rodeado de história que mata, de património, da melancolia e da ruína de uma sociedade que acabara” (Bivar, 2023, p. 78).

Só quando se vê sozinha e sem trabalho, livre das amarras das convenções sociais, é que a protagonista de *Natureza urbana* entende-se verdadeiramente parte de uma estrutura inútil. Passa então a vagar, cada vez para mais longe, cada vez para mais fora da cidade, e “ia porque não tinha para onde ir, nem ninguém para visitar” (Bértholo, 2023, p. 6). “Que diferença faz estar no mundo e mexer coisas de um lado para o outro, ou estar onde se estiver, só sendo” (Bértholo,

¹ Para um maior aprofundamento sobre este debate a respeito da tecnologia e as identidades na literatura portuguesa hipercontemporânea, ver “O Hiperconsumo das Tecnologias e a Desconfiguração das Identidades em Três Obras da Literatura Portuguesa Hipercontemporânea” (Angelini, 2024).

2023, p. 10), modo gerúndio a reforçar um prolongamento da sua vida minúscula.

É também por essas razões que o homem de *A charca* abandona a cidade e escolhe a vida nas pedras, porque a tempo percebeu que “trazia com ele o olhar turvo do ecrã, das notícias e da história, da conversa e da citação” (Bivar, 2023, p. 78). Procura, assim, desfazer-se do lastro dessa dominação tecnológica, do hábito de ter a vida facilitada por aplicativos que respondem às suas necessidades mais básicas. Para ele, portanto, “a cidade era uma máquina de centrifugação que a todos excluía para um qualquer lugar” (Bivar, 2023, p. 21).

Esse mesmo processo ocorre em *Admirável mundo verde*, de Filipa Fonseca Silva, obra distópica que traz uma ditadura ecológica: um grupo de radicais começa a assassinar figuras importantes da sociedade com discurso e prática que ferem o meio ambiente. Há uma passagem emblemática quando Billie, uma das protagonistas, lembra-se de que, quando jovem, vivia agarrada ao tablet e ao celular, com a mania de “jogar, ver vídeos parvos ou deslizar o dedo pelas redes sociais” (Silva, 2024, p. 15). Neste tempo, a personagem se dessubjetivizara, ganhara uma espécie de visão opaca do mundo, “perdera a capacidade de me deslumbrar com uma borboleta ou de me divertir a perseguir um carreiro de formigas” (Silva, 2024, p. 15). A mãe ficava irritadíssima, dizia que a filha fazia parte de uma *geração de inúteis*, com “pouca desenvoltura para lidar com o mundo real” (Silva, 2024, p. 15). Alertava que o mundo era lá fora – e era, mas estava a ser destruído. Curioso é que a obra alegoriza uma ditadura com pauta da esquerda, mas que se utiliza das mesmas estratégias do fascismo, numa espécie de esfarelamento das utopias. Aqui, a população diz não à “civilização industrial como a conhecemos” (Silva, 2024, p. 58). A nação acaba por ser um exemplo para o mundo – “três anos bastaram para restaurar centenas de ecossistemas, reabilitar solos, diminuir a concentração de substâncias tóxicas no ar que res-

piramos” (Silva, 2024, p. 118) –, que não sabe o que de fato se passa dentro de suas fronteiras. Comunicação e informação são restritas; censura e vigilância, amplas: “metade das pessoas vive com medo. A outra metade, alienada, hipnotizada, convencida de que este é o caminho certo” (Silva, 2024, p. 118). Com doutrina vegana, açougueiros são assassinados e pendurados nos ganchos em que outrora armazenavam as carnes. Proprietários de empresas poluentes são afogados em seus próprios venenos. Moradores que não reciclam o lixo são punidos e ficam dias presos junto a grandes lixeiras de resíduos orgânicos. Com o fim do mundo como se conhecia, a lógica da reciclagem, da sustentabilidade, do cuidado ambiental ganha contornos de radicalismo extremo. Quem não constrói um mundo melhor, não tem lugar naquele mundo. Literalmente.

Cláudia, protagonista de *terrinhas*, romance de Catarina Gomes, é uma mulher tecnológica que sempre foi avessa ao espaço claustrofóbico da aldeia. As pequenas coisas que fazem parte da vida dela são os bibelôs da mãe, minúsculos seres de cristal que ela colecionava, e os eletrodomésticos comprados pelo pai, numa ânsia de ter todos os facilitadores possíveis para o dia a dia: “aqueles pequenos objectos, movidos a electricidade ou a pilhas, faziam pelo pai coisas que ele nem sonhava que precisava. A vida estava melhor. Bastava carregar no *on*” (Gomes, 2023, p. 21). Aqui, temos um Jacinto queirosiano antes da crise do excesso tecnológico.

A vida estava melhor porque perto da tecnologia inútil, com facas elétricas e máquina de cortar fiambre, e muito longe do mundo parado da aldeia da infância dos pais. Então, a ruptura: a morte dos pais num acidente de trânsito e uma herança surpreendente vinda de um parente que não conhecia mudam completamente a sua vida. A designer de interiores tão afinada ao ritmo urbano descobre-se proprietária de *terrinhas* na aldeia de seus antepassados. Primeiramente, quer se livrar da herança. Depois, a curiosidade faz com

que visite o lugar, e a primeira sensação da personagem com aquele meio rural confirma sua natureza urbana: o estranhamento surge “como se o campo tivesse sido escrito com um alfabeto que nunca me foi ensinado” (Gomes, 2023, p. 161), “há uma ausência de sons que me aflige” (Gomes, 2023, p. 160) e “o ar puro surge-me como não-cheiro”. (Gomes, 2023, p. 160). A natureza de lá é hostil como em *A charca*: “toda essa natureza parece ter sido pensada para picar, para arranhar, para agredir. É natural que tenhamos feito de tudo para ter uma vida longe daqui, uma vida macia, dentro das nossas casas calafetadas” (Gomes, 2023, p. 165). Sente-se, portanto, desorientada nos caminhos de terra e grama, em meio ao mato, tal qual um aplicativo sem wifi: “eu seta-azul-em-ecrã-branco, fiquei imobilizada na aldeia” (Gomes, 2023, p. 165).

Todavia, aos poucos, Cláudia vai se afeiçoando àquelas terras, e repete as visitas de modo frequente, numa necessidade que não sabe explicar. Então, é a organização da cidade que começa a parecer-lhe previsível, entediante: as ruas que desembocam em outras ruas, os edifícios e casas que obedecem a uma numeração crescente. Já no campo, não há lógicas e ordenações. Começa a batizar os trechos no meio do mato que lhe conduzem às suas terras, “endereços do mais efêmero que pode existir” (Gomes, 2023, p. 219), vestígios que desaparecem com a mudança das estações, com a chuva, com as secas. E, por fim, cresce um amor por aquele lugar, espaço que carrega histórias de vida e de morte, de luto e de segredos: “toma conta de mim uma necessidade bizarra de proteger a terrinha, de a murar, de defender a parcela de chão que me calhou” (Gomes, 2023, p. 227).

Zygmunt Bauman (2003, p. 48) recorda que, já nos anos 1960, Maurice Stein clamava que as comunidades haviam se tornado dispensáveis: “a decadência da comunidade neste sentido se perpetua; uma vez instalada, há cada vez menos estímulos para deter a desintegração dos laços humanos e para procurar meios de unir de novo o que

foi rompido”. Décadas depois de Stein e de Bauman, a conclusão é a mesma, e ainda mais pessimista. De acordo com Noreena Hertz (2021, p. 89), o alto valor dos aluguéis e o preço inacessível para compra de imóveis nas grandes cidades² “fizeram com que criar raízes em uma comunidade e investir emocionalmente nela se tornasse uma opção econômica cada vez mais inviável”. Deste modo, o movimento em direção contrária à cidade parece reestabelecer um novo tipo de vínculo, não necessariamente com multidões, mas com uma forma diferente de vida.

Movimento muito similar ao de Cláudia ocorre com um homem de 30 e poucos anos, protagonista de Rui Couceiro em *Baiôa sem data para morrer*, professor em previsível *burnout*, viciado em ansiolíticos, sedativos e nas redes sociais, já que não consegue mais dormir, que é encarregado de verificar a situação da casa dos avós na aldeia alentejana Gorda-e-Feia, onde nasceu a mãe, mas já ninguém da família vive. Contrariado, mas ao mesmo tempo saturado da sua vida na cidade, num discurso a la Brás Cubas, afirma motivos que lhe fazem aceitar a empreitada: “não tinha mulher, não tinha namorada, não tinha filhos, não tinha emprego estável, não tinha dinheiro, não tinha aquilo a que supunha chamar de felicidade” (Couceiro, 2023, p. 47). Lá descobre Baiôa, senhor que pintava e recuperava casas apenas para não deixar a aldeia morrer, e que também havia recuperado a casa da família.

² As notícias a respeito da crise da moradia nas grandes cidades de Portugal, em especial Lisboa, corroboram com Hertz: “Lisboa é a cidade mais cara da Europa para arrendar casa” (Sic Notícias), “Crise da habitação não afeta apenas Portugal. Conheça as medidas que estão a ser seguidas em 10 países com o mesmo problema” (CNN Portugal), “Banqueiros alertam para cenário “insustentável” na habitação” (Público).

Desconectado das redes e da correria da cidade, a escutar os sons fantasmagóricos do silêncio, acostumando-se a estar sozinho, o professor aos poucos se vê mais calmo:

apercebi-me de que meu coração ali batia em paz. Dava por mim em silêncio e não procurava ruído ou as palavras dos outros. Tinha-me em quietude e esse estado não me desagradava. Naquela terra de almas abandonadas, a única ansiedade que sentia era o entusiasmo constante pelo aparentemente pouco mas claramente tanto que por ali acontecia a toda hora (Couceiro, 2023, p. 67)

Contudo, porque o rural nessas narrativas é sempre problematizado, aos poucos, a insônia retorna. Ele percebe a vida pequena de quem lá mora, o vício do alcoolismo nos velhos sem muito o que fazer. A tecnologia também visita a aldeia, e há personagens fissurados em internet e *streamings*. Mesmo com seus problemas, os incêndios que castigam o campo e tudo matam, a falta de maiores assistências médicas, o professor já não quer voltar. Não sente a menor falta dos prédios, dos chicletes ou dejetos dos cães nas calçadas: “ali não se sentia o mau hálito das cidades. Ali, não se ouvia o trabalhar conjunto de milhares de carros, nem outros ruídos urbanos – se rumor se escutasse, era o da pedra”. Ali, “via-se a natureza a sobrepujar sobre o Homem” (Couceiro, 2023, p. 327). Exatamente como em *A charca*.

Também a protagonista professora que surge nos excertos narrativos da obra *Dano e virtude* gosta da cidade mais desabitada do verão, do seu prédio quando ganha ares de um galeão fantasma. Trata-se de uma obra de Ivone Mendes da Silva, assumida editorialmente como diarística. Porém, apresenta-se de modo pouco tradicional: são 330 excertos numerados, não datados, pequenas passagens que iluminam a rotina dessa professora e de tudo o que está além dela. Traz, desde seu início, as marcas do ficcional, um diário que “umas vezes diz a verdade. Outras, evita-a” (Silva, 2022, p. 7). Sobrevive, portanto,

de tudo aquilo “o que a linguagem não pode dizer” e daquele “outro tanto que (ela) constrói” (Silva, 2022, p. 214). Também a professora foge do barulho, foge do calor – é uma perseguidora de brisas que ama o silêncio – e por isso cria o hábito de dar longas caminhadas. Cada vez para mais longe.

E aqui há uma curiosa recorrência que agrupa muitas dessas obras. Em *A charca*, em *Natureza urbana*, e também em *Terrinhas* e em *Dano e virtude*, as personagens experienciam uma atividade de modo cada vez mais intenso: a caminhada. Aqui o *flâneur* é a intensificação da crítica benjaminiana ao sistema hostil: não mais um ícone do capitalismo, caminhando por entre a multidão, tentando ajustar-se junto ao mecanismo de organização caótica da cidade. Aqui, os protagonistas são exemplos de sujeitos desencaixados: caminham sozinhos, fogem do urbano, cada vez para mais longe, cada vez para mais perto de qualquer outra coisa não mensurável. Deslocam-se para fora do centro das cidades, do movimento, do barulho, do caos. Visitam o mato, a natureza, as ruas que atingem o vazio dos espaços urbanos. Negam-se à velocidade do cotidiano, o ritmo acelerado, e celebram a lentidão, na esteira do que apregoa Lamberto Maffei (2018, p. 17):

se a realidade presente significa correr para metas não claras ou até misteriosas, escrever tweets ou sms, saber de notícias através da televisão sem sequer ter tempo de verificar se a informação é verdadeira ou manipulada, então assalta-me o desejo de voltar para trás, de percorrer o tempo em sentido inverso, fugir de uma cultura centrada na rapidez da comunicação visual e voltar ao ritmo lento da linguagem falada e escrita.

Gabriela Freitas, professora de Comunicação na UnB, possui uma interessante pesquisa sobre a caminhada em obras de artemídias. Conforme Freitas, o ato de caminhar pelo espaço como prá-

tica artística reconfigura o *flâneur*, alinhando-se com os conceitos de deriva, ou o *delirium ambulatorium*, cunhado pelo artista Hélio Oiticica. De acordo com a pesquisadora, as “ambições urbanas da *flânerie* moderna” constituem “espaços outros, heterotópicos, topologias imaginárias baseados numa cartografia da experiência e, consequentemente, mais plurais” (Freitas, 2020, p. 146). Ainda para Freitas (2020, p. 147),

o caminhante contemporâneo – seja o artista, seja o participante – ultrapassa a esfera da individualidade a partir do momento em que se relaciona, deambulante, com os espaços e seus contextos e narrativas, praticando a *flânerie* entre a rua, o museu, o espaço virtual e o espaço mental, integrando-os e problematizando-os a partir de pontos de vista e experiências diversos.

Um possível vínculo aos estudos de Freitas dá-se na perspectiva de uma integração com a natureza, com o natural, o vivo, o verde. Com a quebra da lógica citadina. É este o espaço, o contexto que interessa para o nosso *flâneur*. A protagonista de *Natureza urbana* retira as pilhas de todos os tantos relógios que a mãe havia comprado e colecionava: é uma mulher que para o tempo. Lembro Benjamin (1989, p. 185) novamente: “a rua conduz o flanador a um tempo desaparecido”. Ela passa a caminhar a esmo e habitua-se com aquilo que ninguém presta atenção na cidade: distingue os diferentes sons, decifra as pessoas das multidões, pessoas que “se moviam em bando, ou predavam, ou procuravam camuflar-se na multidão, interagindo de formas misteriosas, mas passíveis de serem decodificadas. E eu sabia lê-las!” (Bértholo, 2023, p. 33). Já a professora de *Dano e virtude* caminha para perder-se, sempre para algum lugar que não sabe qual: “voltarei quando ficar escuro e o ar da noite começar a cair húmido e esponjoso sobre o musgo no chão” (Silva, 2022, p. 87). Gosta de andar por entre as horas escuras e pelas ruas onde há casas fechadas e desa-

bitadas. Exatamente como a protagonista de *Natureza urbana*, que, no caos da cidade, aprende a olhar para as pequenas vidas ali presentes: melgas, moscas, vespas, formigas: “formas de vida inscritas na entrelinha das nossas, nas arestas, nas rimas, nos mais ínfimos espaços vazios” (Bértholo, 2023, p. 5). Como Byung-Chul Han (2021, p. 132) afirma, quando recupera o conceito de andarilho de Nietzsche, alguém que: “não está a caminho de uma meta final” e “pode pela primeira vez *olhar ao redor*. É nessa medida, um *homo liber*”. A personagem de Bértholo, liberta de suas amarras, agora caminha cada vez mais devagar: “as noites encheram-se de plantas e das suas flores e frutos exóticos, que eu nunca tinha visto” (Bértholo, 2023, p. 34). Assim, ela que achava que sua cidade era apenas consagrada à *pedra*, à *chapa*, ao *zinco*, descobre o novo por fora do cimento, descobre a flor que rompe o asfalto e o tédio. Descobre a natureza que por lá sobrevive, através de alamedas, parques, jardins; experiencia espécies novas, cheiros e sons que nunca havia suspeitado. De forma similar, na obra de Ivone Mendes da Silva, a personagem investiga uma espécie de *arqueologia do som*, naquilo que há de mais rotineiro, mas ainda assim belo, como nesta passagem que se faz poesia: “a sola, o bater do couro na terra batida, (...) o partir do barro vidrado e a batida da porta pesada, o chiar da ferragem, o grito, a água, a fonte, os cascos. O riso, o rio, a ramagem e o vento” (Silva, 2022, p. 108).

Não faz sentido que “a vida, em toda a sua diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo” (Benjamin, 1989, p. 35). A vida precisa ser mais do que isso. É o que acredita o protagonista de *A charca*, sempre sedentário na cidade, que também acaba por desenvolver essa outra rotina viciante, com um efeito catártico, as longas caminhadas no meio do mato:

as suas voltas e a sua necessidade de andar durante horas mantinham-se apesar da exaustão do trabalho físico. (...) Era um hábito

que não conseguia largar, era talvez a forma que tinha de largar a raiva, subir as serras, dar a volta aos montes, correr os carvalhais” (Bivar, 2023, p. 35).

Igualmente em *terrinhas*, Cláudia intensifica a caminhada por entre o mato: “avancamos para longe da gente, para longe das casas” (Gomes, 2023, p. 163).

São indivíduos, portanto, que se descobrem saturados dos códigos citadinos e mergulham numa outra realidade, que foge da lógica do urbano. Esse palco, aliás, tem o caos intensificado em outras obras que trago como exemplo, ainda que de forma muitíssimo breve. Aliás, um sonho da protagonista de *Natureza urbana* oferece flashes do que esses mundos distópicos oferecem: “os prédios implodiam lentamente, desfeitos em pó e terra: não sobrava nada de pé” (Bértholo, 2023, p. 46).

Esse cenário de destruição habita a Lisboa de Patrícia Reis. Em *Por este mundo acima*, vive-se um tempo pós-desastre, com destroços e caixotes do lixo abandonados, “toda uma coreografia que a natureza desenha sozinha” (Reis, 2012, p. 14). Como consequências da hecatombe climática, já não há quase água potável. A água, aliás, é um recurso já praticamente esgotado na obra *Cadernos da água*, de João Reis. No texto, Portugal já não existe, as fontes hídricas são disputadíssimas e originaram as Guerras Meridionais da Água, que transformaram a geografia política. Os habitantes do sul da Europa que sobreviveram são agora refugiados. As cidades tornam-se espaços de guerra, especialmente depois de duas fortes pandemias que dizimaram grande parte da população. Uma outra configuração interessante do urbano também pode ser vista em *Periferia*. O texto de Catarina Costa faz uma alegoria à especulação imobiliária que assola as grandes cidades portuguesas e mostra um estado distópico vigente: uma grande parte da população deve ser removida

dos espaços centrais e ser encaminhada a uma região denominada Periferia. E o curioso é que a protagonista, fugitiva, porque mesmo sem essa permissão segue no centro da cidade, caminha *horas a fio*: “dia após dia, perco-me nas ruas com a consciência da perda e da necessidade do reencontro comigo mesma” (Costa, 2022, p. 21). Anda e finge naturalidade, para que ninguém perceba que é uma rebelde do sistema. Gostaria mesmo de “arranjar um carro e fazer-me à estrada, fugir da cidade em vez de ser uma fugitiva dentro da cidade” (Costa, 2022, p. 26). Porém, há barreiras que proíbem o livre trânsito. No mundo de Catarina Costa, a cidade é um espaço interditado para a maioria, inabitável para quem não usufrui de certos privilégios, corpos descartáveis. A distopia de Filipa Fonseca Silva, já mencionada, traz o mesmo desejo de fuga, uma vez que Billie descobre que há túneis que levam a esse escape: “debaixo dos meus pés há esperança ou, pelo menos, um longo túnel para um lugar onde não há Moscas, nem Morcegos, nem pessoas levadas de casa a meio da noite” (Silva, 2024, p. 132).

Todos esses textos aos quais aqui me referi trazem, em seu bojo, mais do que o colapso da cidade, o desmoronamento da humanidade, da nossa civilização, na perspectiva do fim ou o início do fim. Páginas e páginas que criticam nosso modo de habitar, nosso modo de viver, nosso modo de nos relacionarmos com o outro. Uma urgência que sempre foi tema para a literatura, mas que agora, mais do que antes, faz-se presente, não como ameaça, mas como realidade. Como numa passagem de Bivar, na qual o protagonista sozinho, fechado em si mesmo e cercado pela natureza, a cada dia tinha mais certeza da sua escolha, porque “ninguém conseguia mais imaginar futuros” (Bivar, 2023, p. 77) no mundo da cidade.

Bauman percebe na modernidade figuras típicas da errância, entre as quais o peregrino, o andarilho, o vabagundo. Percebe a vida moderna como peregrinação. Ao recuperar o conceito benjaminiano de

flâneur, o filósofo avança na crítica social, percebendo os shopping centers como espaços para esse andarilho passear e consumir, num simulacro da cidade ideal, “no derradeiro abrigo do mundo totalmente privado, seguro, trancado, à prova de roubos” (Bauman, 2011, p. 77). Byung-Chul Han (2021, p. 73) problematiza algumas das categorias levantadas por Bauman e afirma que o ser humano “caminha ininterruptamente o mundo na condição de deserto, pelo que confere forma ao sem-forma, continuidade ao episódico, e faz do fragmento um todo”. Ao resgatar Heidegger, Han sublinha que “ao ser pertence a errância” (Han, 2021, p. 75).

O fim da civilização traz à cena um novo tipo de *flâneur*, alguém que caminha sem parar para além dos muros da cidade, em direção ao verde, ao mato, ao estranho, ao novo. É alguém que se impressiona com um inseto nunca antes percebido, com uma árvore bonita, com uma flor, com um cheiro de erva. Contudo, não há mais espaços para idealizações. O lugar para onde escapam esses personagens também apresenta inúmeras armadilhas. Não é simplesmente a vitória da natureza, como já se referia, aliás, Teresa Cristina Cerdeira a respeito da leitura ufanista muitas vezes recebida pela obra queirosiana *A cidade e as serras*. Não é a vitória de um Portugal ainda autêntico, que ainda guarda o gosto mítico e idílico do campo, mas antes uma equação de equilíbrio. No caso das obras hipercontemporâneas, é também um pedido coletivo de socorro, numa crítica não ao progresso especificamente, mas ao “lixo tecnológico que ele produzia em detrimento da principal utopia da modernidade que era a crença do trabalho produtivo como base real de transformação social” (Cerdeira, 2000, p. 49). Parece-me que é também esse movimento que essas obras hipercontemporâneas fazem: olhar para a cidade hostil (como espaço metonímico de uma civilização opressora) com feroz crítica, indagando qual o futuro disso tudo, qual o futuro do mundo como o conhecemos?

Cláudia, de *terrinhas*; a professora de *Dano e virtude*; Billie, em *Admirável mundo verde*; os protagonistas de *Natureza urbana*, *Baiôa sem data para morrer* e *A charca*, verdadeiramente reconstroem suas rotinas para além da lógica das cidades. Afinal, se “somos apenas o tempo que temos”, com diz um personagem de Rui Couceiro (2023, p. 414), quanto tempo temos?

É como se esses caminhantes, esgotados pelas frustrações, pelos sonhos perdidos, pela superprodutividade nunca alcançada, pelos olhos turvos das telas, pelas dores variadas num corpo cada vez mais sedentário, orbitassem rumo a qualquer sensação desconhecida, procurando pistas de uma natureza que ainda está por ali. Ainda. Como Cerdeira aponta em sua leitura a respeito de *A cidade e as serras*, aqui também, por esses romances, caminham indivíduos em busca de uma utopia. Se há uma total quebra de laços, como afirmou Maurice Stein, dos vínculos com a nação, com a comunidade, a vizinhança, a família, o maior desses rompimentos é “dos laços que nos ligam a uma imagem coerente de nos mesmos” (Stein, 1965 *apud* Bauman, 2003, p. 48). Por isso a busca de “um contramundo, de um lugar originário e desconhecido”, como os primeiros turistas e peregrinos, na perspectiva de Han (2021, p. 76): “queriam escapar de um *aqui* em um *ali*.” Um espaço nas frestas da cidade, no seu oposto, no rompimento de sua estrutura esmagadora.

Utopia bem-vista nas palavras dos narradores de Rui Couceiro e Manuel Bivar, com as quais finalizo, e que dizem sobre a continuidade da natureza, sobre o fechar e o abrir de seus ciclos, as estações chegando e partindo. Se, conforme Bauman (2011, p. 59), “o ser-para é como um viver-para-o-futuro, um preencher-se com expectativas, um estar ciente do abismo entre o futuro previsto e o futuro que ele será”, essas narrativas procuram recompor o abismo, preenchê-lo de modo não previsível. Reinventar futuros, observando o movimento ininterrupto da natureza, como testemunha o professor: “as semen-

tes rebeldes vencendo a terra e a cada dia mais se via a vegetação desentranhando-se, até formar campos cheios de ervas bravias vivendo a promessa de uma vida extraordinária” (Couceiro, 2023, p. 414). Também na *charca*, “nas pedras, sozinho, a olhar as águias, sem internet e pornografia, ele sentia nascer o desejo. Sentia que um novo mundo começava e estava diante de si e ele via-o e entrava pelos abismos e escuridades dos fundos com a luz do novo” (Bivar, 2023, p. 84).

RECEBIDO: 14/09/2025

APROVADO: 29/10/2025

REFERÊNCIAS

ADOLFO, Ricardo. *Maria dos Canos Serrados*. Carnaxide: Alfaguara, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. O Hiperconsumo das Tecnologias e a Desconfiguração das Identidades em Três Obras da Literatura Portuguesa Hipercontemporânea. In: FROTA, Silvia; GUIMARÃES, Murilo. *Vidas em português: memória, identidade e cidadania na era digital*. Lisboa: Colibri, 2024.

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik; CANILHA, Samla Borges. The Shattered Narrative of Mafalda Ivo Cruz. In: MEDEIROS, Paulo; ARNAUT, Ana Paula (org.). *The Hypercontemporary Novel in Portugal*. New York: Bloomsbury Academic, 2024.

ARNAUT, Ana Paula. Do post-modernismo ao hipercontemporâneo: morfologia(s) do romance e (re)figurações da personagem. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra, v. 8, p. 19-44. 2018.

ARNAUT, Ana Paula.; BINET, Ana Maria; Introdução: Do post-modernismo ao HIPERCONTEMPORÂNEO: os caminhos das literaturas em Língua Portuguesa. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra v. 8, p. 11-15. 2018.

ARNAUT, Ana Paula; MEDEIROS, Paulo. Introduction. In: MEDEIROS, Paulo; ARNAUT, Ana Paula (org.). *The Hypercontemporary Novel in Portugal*. New York: Bloomsbury Academic, 2024. p. 1-5.

- AUGÉ, Marc. *Não lugares*: introdução a uma antropologia contemporânea. 9. ed. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Ed. digital.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire*: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Bertrand, 1989. Obras escolhidas III.
- BÉRTHOLO, Joana. *A história de Roma*. Porto Alegre: Dublinense, 2024.
- BÉRTHOLO, Joana. *Natureza urbana*. Porto Alegre: Dublinense, 2023.
- BINET, Ana Maria; ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. Apresentação: Literatura Hipercontemporânea. *Letras de Hoje*, PUCRS, Porto Alegre. v. 51, n. 4, p. 447-449, out.-dez. 2016.
- BIVAR, Manuel. *A charca*. Lisboa: Língua Morta, 2023.
- BIVAR, Manuel; GUERREIRO, António; PINTO, Diogo Vaz. Manuel Bivar conversa com António Guerreiro e Diogo Vaz Pinto. *Boomerangue#3*, Feira do Livro do Porto. set. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=di-KcoxSCKU>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros*: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.
- CARDOSO, Dulce Maria. *Eliete*. Lisboa: Tinta da China, 2018.
- CERDEIRA, Teresa Cristina. A cidade e as Serras: romantismo extemporâneo?. In: CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado*. Lisboa: Caminho, 2000. p. 41-51.
- COSTA, Catarina. *Periferia*. Lisboa: Guerra & Paz, 2022.
- COUCEIRO, Rui. *Baiôa sem data para morrer*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2023.
- FREITAS, Gabriela. Reconfigurações do conceito de *flâneur* pelas práticas artísticas do caminhar na artemídia contemporânea. *Acta Poética*, Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México, v. 42, n. 2, p. 131-148, jul.-dez. 2020.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: EdUnB, 2006.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG: 2006.

GOMES, Catarina. *terrinhas*. 3 ed. Lisboa: Gradiva, 2023.

HAN, Byung-Chul. *Hiperculturalidade: cultura e globalização*. 2. reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2021.

HERTZ, Noreena. *O século da solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

LEDO, Wilson. Crise da habitação não afeta apenas Portugal. *CNN Portugal*, 1 ago. 2025. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/casas/habitacao/crise-da-habitacao-nao-afeta-apenas-portugal-conheca-as-medidas-que-estao-a-ser-seguidas-em-10-paises-com-o-mesmo-problema/20250801/6882509dd34ef72ee448b15f>. Acesso em: 5 dez. 2025.

LISBOA é a cidade mais cara da Europa para arrendar casa. *SIC Notícias, Expresso*. 14 ago. 2023. Disponível em: https://expresso.pt/economia/economia_imobiliario/2023-08-14-Lisboa-e-a-cidade-mais-cara-da-Europa-para-arrendar-casa-f6b78373. Acesso em: 5 dez. 2025.

LIPOVETSKY, Giles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MÃE, Valter Hugo. *O filho de mil homens*. 3 ed. Lisboa: Alfaguara, 2011.

MAFFEI, Lamberto. *Elogio da Lentidão*. Lisboa: Ed. 70, 2018.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenómeno urbano*, Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 25-66.

QUEIROZ, Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo: Hedra, 2000.

REAL, Miguel. *O romance português contemporâneo: 1950-2010*. E-book. Alfragide: Caminho, 2012.

REIS, Amândio. Manuel Bivar, A Charca. *Forma de Vida*, Lisboa, 6 abr. 2022.

REIS, Carlos. Nota prévia. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra, v. 8, n. 8, p. 7-10, 2018.

REIS, João. *Cadernos da água*. Lisboa: Quetzal, 2022.

REIS, Patrícia. *Por este mundo acima*. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

RELVAS, Rafaela. Banqueiros alertam para cenário “insustentável” na habitação. *Público*. 2 ago. 2025. Disponível em <https://www.publico>.

pt/2025/08/02/economia/noticia/banqueiros-alertam-cenario-insustentavel-habitacao-2142643. Acesso em: 5 dez. 2025.

SARAIWA, António José. *A cultura em Portugal I*, Lisboa: Gradiva, 1994.

SHAPIRO, Alan N. *Decoding digital culture with science fiction: hypermodernism, hyperreality, and posthumanism*. Bielefeld: transcript Verlag, 2024.

SILVA, Filipa Fonseca. *Admirável mundo verde*. Lisboa: Suma, 2024.

SILVA, Ivone Mendes da. *Dano e virtude*. Lisboa: Língua Morta, 2022.

TAYLOR-COLLINS, Nicholas. *Judge for yourself: Reading hypercontemporary literature and book prize shortlists*. Londres: Routledge, 2021.

MINICURRÍCULO

PAULO RICARDO KRALIK ANGELINI é professor de Literatura Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com pós-doutorado na Universidade de Lisboa, é coordenador do curso de Letras: Língua Portuguesa na PUCRS e líder do Projeto de pesquisa (CNPq) Cartografias Narrativas em Língua Portuguesa: Redes e Enredos de Subjetividade. Organizador, junto de colegas, das obras *José Saramago: O inventor de bússolas; O outro: esse estranho; Inventário da infância: o universo não adulto na narrativa*, entre outras.